



# estudos semióticos

<http://www.revistas.usp.br/esse>

issn 1980-4016  
semestral

dezembro de 2014

vol. 10, nº 2  
p. i–ii

## Apresentação

Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva\*

No centenário da morte de Charles Sanders Peirce (1839 – 1914), a revista *Estudos Semióticos* tem o prazer de dar a público, em primeira mão, o estudo comparativo de Thomas F. Broden sobre as semióticas do filósofo americano e de Algirdas Julien Greimas. Ninguém desconhece o quanto têm sido problemáticas as relações entre as duas mais célebres correntes do pensamento semiótico, no âmbito epistemológico, metodológico e até mesmo, em registro menos nobre, na distribuição de postos acadêmicos entre os adeptos deste ou daquele mestre. Ainda haverá quem recorde o clima de cordial animosidade no qual se travavam, nos anos 1980 e 90, as disputas territoriais entre uns e outros, após as quais invariavelmente se constatava, ao contemplar os resultados práticos dessas batalhas intestinas, que todos saíam perdendo. A síntese que nos traz agora o professor de Purdue e ex-presidente da *Semiotic Society of America*, avaliando divergências e convergências entre as duas correntes, dá uma boa medida do trecho trilhado desde aqueles idos. Não que estejamos em qualquer mar de rosas hoje; continua a ser grande o descompasso entre a relevância teórica da semiótica (todas as tendências incluídas) e a exiguidade de sua presença disciplinar na universidade e na pesquisa em geral. Dissensos conceituais, muitas vezes escorados em tenazes crenças do senso comum deste ou daquele domínio cultural, existirão sempre e não há por que ocultá-los. É, porém, inegável que, desde o advento da semiótica das paixões e a consequente promoção da centralidade do sensível, o campo greimasiano veio se aproximando – resguardadas suas diferenças irreduzíveis – de alguns dos postulados de Peirce; menos evidente é a observação de qualquer abertura similar na direção oposta. Em todo caso, o texto de Broden é esclarecedor ao marcar a solidão da doutrina de Peirce, não alinhada à Filosofia Analítica, dentro do universo anglo-saxônico onde esta impera há várias décadas, na mesma medida em que se pode compreender a estranheza causada, na terra de Descartes, pela semiótica de Greimas e sua escola. Ninguém melhor do que Thomas Broden, semioticista

transatlântico de ampla cultura e fino senso crítico, para nos propor esse cotejo: conhecedor dos pressupostos e das consequências das premissas lá e cá, mas suficientemente livre de dogmatismos para privilegiar, não os obstáculos, e sim as passarelas onde a semiótica pode ir em busca de novo impulso.

As questões educacionais reaparecem, especialmente, em dois artigos deste número: “Estudar para ser feliz”, de Luiza H. O. da Silva e Carlos W. da Rocha Moraes, e “O estilo dos gêneros digitais”, de Daniervelin R. M. Pereira. Quase tudo os separa, à primeira vista, pois, se aquele elege uma situação bastante específica de adultos que seguiram no Tocantins um curso a distância com vistas à habilitação para a docência em Matemática, este, por sua vez, trata de ferramentas para ensino e aprendizagem em uso na internet, nomeadamente os chats e fóruns de acesso moderado. Se o estudo dos pesquisadores do Tocantins parte do material recolhido em entrevistas com os futuros professores, já o trabalho de Pereira adota um outro ângulo ao debruçar-se sobre os recursos da web enxergados como gêneros, na acepção bakhtiniana. Mas, sem esquecer esses contrastes, ambas as contribuições mostram um parentesco mais profundo, pelo cuidadoso processamento semiótico que dispensam aos materiais em exame, tirando proveito, mais que tudo, das propostas ligadas à tensividade; estas, por seu turno, veem-se testadas em mares nunca dantes navegados. Nesse duplo gesto – no caso dos colegas tocantinenses, seria preciso grafar “GESTO” – ganham inteligibilidade os objetos estudados, ao mesmo tempo em que se põem à prova os conceitos operatórios da semiótica.

Igualmente comparáveis pelos objetos escolhidos são os artigos de José Américo Bezerra Saraiva e Marcelo Segreto, que falam de canções. A pesquisa de Segreto vem minando a ideia, apressadamente aceita por alguns, de que canção e rap seriam conjuntos sem qualquer interseção, e que este teria vindo ocupar o espaço deixado vazio pela extinção daquela. Ora, além dos traços mais evidentes de figurativização e

\* Editores Responsáveis .

tematização, muitas são as composições em rap que incorporam movimentos passionais, como se nota com maior frequência nos estribilhos, em que a exploração melódica recupera seus direitos. A descrição do rap “Sr. Tempo Bom”, de Thaíde e DJ Hum, não deixa dúvida quanto à pertinência de suas teses, que tendem a demonstrar ser o rap, estruturalmente falando, um gênero cancional, por mais singular que pareça; o leitor apreciará, de resto, as interessantes elucidações de contexto, ligadas à recepção pioneira da black music americana no Brasil, registradas pelo articulista. Na análise bastante pormenorizada que propõe da canção “Luz do Sol”, de Caetano Veloso, José Américo Saraiva põe em ressonância seus aspectos fônicos, sintáticos, estróficos, figurativos, narrativos, melódicos, tudo convergindo para uma surpreendente leitura da composição, leitura tão meticulosa e rica que não pode deixar de lembrar, *mutatis mutandis*, os estudos monográficos de Roman Jakobson, décadas atrás, sobre poemas escritos em diferentes línguas e épocas. Entre os trabalhos de Saraiva e Segreto, reponta o pano de fundo compartilhado da semiótica da canção, obra em progresso de Luiz Tatit, aí submetida ao teste de objetos difíceis a exigir bem mais que uma aplicação escolar de qualquer modelo teórico, desafio plenamente assumido e vencido, como se poderá verificar pela leitura.

Elizabeth Harkot-de-La-Taille, por sua vez, reflete sobre os implícitos inerentes à representação imagética do sistema solar e do estatuto da língua inglesa na globalização, para assinalar que, não obstante vissem a cumprir uma função pedagógica ao conferir compreensibilidade aos conteúdos abordados, tais representações nunca são neutras nem atemporais, mas produtos de uma ?semiose orientada? pelos modos de categorizar socialmente dominantes no espaço-tempo de sua produção, modos estes marcados inclusive pela composição das estruturas de poder, ora mais ora menos centralizado.

O artigo de Conrado M. Mendes promove a interessante e oportuna articulação do conceito bakhtiniano de dialogismo com o conceito zilberberguiano de tensividade para mostrar como a atenção do enunciatário é gerenciada no *fait divers* em função das relações interdiscursivas que aproximam textos, ou pela identidade temática ou pela estratégia da modulação tensiva de um querer-saber. Assim, enquanto a malevolên-

cia, como identidade temática, permite estabelecer a ligação do modo como foi televisionado um caso de infanticídio no Brasil, o Caso Isabella Nardoni, com dois contos dos irmãos Grimm, A gata borralheira e O pé de zimbório, a estratégia de modulação tensiva de um querer-saber relaciona o referido caso com o gênero romance policial.

O trabalho de Simone B. da Silva e o de Laura D. M. de Queiroz e Fátima C. da Costa Pessoa ocupam-se de analisar os modos de interação entre enunciatário, enunciatário e enunciado, mas o fazem à luz de aportes teóricos diferentes. O primeiro apoia-se na Sociosemiótica francesa para investigar os regimes de interação promovidos pelos modos de enunciação da cidade de São Paulo nas revistas *Veja São Paulo* e *Época São Paulo* e nos cadernos diários *Metrópole*, do jornal *O Estado de S. Paulo*, e *Cotidiano*, do jornal *Folha de S. Paulo*. O segundo fundamenta-se na *Análise de Discurso* de linha francesa para examinar dois manuais que versam sobre a responsabilidade social das empresas e constata, pela análise de verbos, complementos e adjuntos verbais, que a solidariedade e a responsabilidade social tornam-se meios para o incremento do grau de competitividade de uma organização empresarial no mercado capitalista e que tais manuais assumem um caráter prescritivo ao fornecer modelos-padrão de gestão e ao homogeneizar conceitos e práticas referentes à responsabilidade social das empresas.

Com este número, a *Estudos Semióticos* gostaria de afirmar uma vez mais a amplitude do acolhimento que pratica. Encontram-se aqui reunidos trabalhos de orientação teórica diversa, da *Análise de Discurso* francesa à *Semiótica da Canção*, da *Semiótica Tensiva* à *Sociosemiótica* e à teoria do Grupo  $\mu$ , trabalhos nos quais são examinados textos de variados tipos, sincréticos ou não. Tem-se aqui inclusive alguns salutares e profícuos diálogos entre autores, teorias e conceitos, que, no mais das vezes, seriam tomados para sustentar polêmicas infecundas, como é exemplo o artigo de abertura da revista, de Thomas Broden, em que são apontadas, com critério e correção, as convergências possíveis e as divergências incontornáveis entre as semióticas greimasiana e peirciana.

Eis então o que, neste número, oferecemos ao leitor. ●